

Mercado revê projeções

Analistas cobram investimentos para sustentar expansão

MÔNICA MAGNAVITA, ALUISIO ALVES E SAMANTHA LIMA

Com base nos últimos resultados do crescimento do PIB, os técnicos do Instituto de Pesquisa de Economia Aplicada (Ipea) vão rever para cima a projeção de crescimento para o ano, atualmente em 4,6%. Segundo a economista Merida Herasme, o número ficará acima de 5%.

– Estamos esperando um resultado para o quarto trimestre do ano, com ajuste sazonal, mais fraco do que o 1% de alta do terceiro – disse.

Ex-presidente do Banco Central e sócio-diretor da Tendências Consultoria Integrada, Gustavo Loyola trabalha com uma expansão entre 1% e 2% nos meses de

outubro e dezembro de 2004, na comparação com igual período do ano passado.

Apesar dos números positivos, o patamar atual de investimentos ainda não é suficiente para garantir o crescimento sustentado do governo, segundo o professor da Unicamp Luciano Coutinho.

– O investimento induzido pelo crescimento já está ocorrendo, o que é um bom sinal. Mas os investimentos intensivos em capital ainda estão patinando – disse, referindo-se ao que está ocorrendo em setores como petroquímica e siderurgia. – Tem muito anúncio, mas nada saiu do papel.

Segundo Coutinho, além de apressar a implementação do projeto de Parcerias Público-Privadas (PPP), o governo “poderia estar na frente” em temas como a posição do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no financiamento ao setor privado, os *project finances* e os marcos regulatórios.

Os dados sobre crescimento do PIB, apesar dos recordes, ainda são insuficientes para melhorar a percepção do investidor estrangeiro sobre a capacidade do Brasil de honrar compromissos, segundo a agência de classificação Standard & Poor's. Em outubro, a S&P atribuiu ao país o conceito “BB-” em créditos em moeda estrangeira, mantendo-o na zona dos investimentos especulativos.

– O crescimento do PIB é uma bela notícia. Mas não não é suficiente para que reavaliemos a classificação. Precisamos saber se será um movimento sustentável, já que o *rating* compreende uma perspectiva – explica Regina Nunes, presidente da Standard & Poor's no Brasil.

A executiva explica que as principais razões para a classificação do Brasil residem no forte endividamento e na alta exposição ao fluxo de capitais externos. Ela também defende a manutenção da austeridade fiscal.